

**“GET BUSY LIVING OR GET BUSY DYING”¹: OS SIGNOS DO DISCURSO DE
ASCENSÃO SOCIAL COMO VIABILIZADORES DA COMPETÊNCIA EM SUITS²**

KOGAWA, João³
REIS, Thalia de Souza⁴

RESUMO

A pesquisa analisa o discurso de ascensão social na ordem neoliberal por meio do rastreio de sequências discursivas retiradas da série *Suits*, com base na Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux, 2014). Focou-se na mitificação (Barthes, 2010) de signos da sociedade de mercado por meio de termos-pivô. A bibliografia baseada em Mises, Foucault e Friedman foi essencial para compreender o ideal capitalista. Expressões de bens de consumo de luxo, como *Macallan*, e construções que solidificam o acordo entre iguais (*to owe you, to give you my word*) foram organizadas em tabelas. Na extração das sequências discursivas dos *scripts* utilizou-se como ferramenta o software *AntConc*, que sintagmatizou mitificações subjetivantes inscritas em enunciados do tipo “quem quer consegue” ou “ser uma pessoa de sucesso”, cuja recorrência acompanha o percurso narrativo de Mike Ross. Com apoio da Linguística de *Corpus*, o objetivo foi identificar como práticas reproduzidas no programa televisivo reproduzem mitos por meio de jargões que configuram o discurso de ascensão social na conjuntura neoliberal. Os resultados mostram que os ideários neoliberais na série constroem uma posição-sujeito calcada na empresarização de si, cujos sentidos indispensáveis são a (auto)confiança e a performatividade. Essa posição se consolida ainda na significação da amizade pautada na racionalidade da troca. Por essa articulação entre indivíduo e empresa emerge um sentido de família.

Palavras-chave: Análise do discurso; Empresarização; Mitificação; Neoliberalismo; *Suits*.

INTRODUÇÃO

O cenário de *Suits* é marcado pela estética nova-iorquina e funciona como retrato dos aspectos neoliberais ao expor a constituição do sujeito-empresário no escritório de advocacia situado em Manhattan. A cada temporada, difundem-se ideais sobre eficiência, preparo, sagacidade e meritocracia. O blefe sustentado na palavra empenhada, a necessidade de correr riscos para extrair o melhor das situações e os conhecimentos partilhados apenas entre os “melhores”, como referências ao filme *Wall Street: Poder e Cobiça* (1987) e a série *Mad Men: Inventando Verdades* (2007), compõem e legitimam a ideologia neoliberal. O discurso de ascensão social constrói-se à medida que os protagonistas são validados pelo crescimento na empresa e pelo reconhecimento como “um deles”.

¹ A frase é original do filme *The Shawshank Redemption* (1994) e citada no 16º episódio da 5ª temporada quando Mike está prestes a iniciar o seu cumprimento de pena após descobrirem que toda sua trajetória como advogado era uma fraude.

² Resultados do projeto de iniciação científica na modalidade de bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

³ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa; Prof.º do Departamento de Letras e do PPGL da EFLCH – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Guarulhos; SP; e-mail: kogawa@unifesp.br; KOGAWA, João Marcos Mateus.

⁴ Graduanda em Letras e Direito; Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), respectivamente; Guarulhos; São Paulo; SP; e-mail: thalia.reis7@gmail.com; REIS, Thalia de Souza.

O objetivo da pesquisa foi descrever e interpretar como as expressões, os signos – nomes de marca que por vezes substituem o produto, como *Macallan* por *whisky* ou *Ferrari* por *carro* – que estruturam o pano de fundo da série e a palavra empenhada conotam a figura do dândi – o mais esperto, o empresário – e como tais elementos se repetem no paradigma neoliberal. A subjetividade regulada pelo sentido de ascensão social exige acordos, a prática do “estar sempre um passo à frente”. A lógica neoliberal efetiva-se por meio do pré-construído (Pêcheux, 2014) dos que estão no topo da estratificação social e legitima falas, ações e costumes para além da aparência de espontaneidade.

A escolha de *Suits* como objeto justifica-se por sua relevância enquanto produto cultural que sintetiza e populariza a ideologia neoliberal em larga escala, tornando visível, de forma dramatizada, a naturalização da ascensão social como destino possível a todos. A série não apenas encena relações de poder, mas reproduz, em seus signos, um modelo de universalização do sujeito empresarial que faz ecoar práticas e valores contemporâneos. Assim, a análise discursiva do seriado permite compreender como a ficção opera na construção e difusão de mitos sociais.

A metodologia organizou-se, sobretudo, a partir do software *AntConc*. Foram analisadas as sete primeiras temporadas, cujos *scripts* foram sistematicamente submetidos ao rastreio de falas anotadas durante a análise do seriado. Além disso, a bibliografia fundamentada em Mises, Foucault e Friedman foi imprescindível para compreender o capitalismo, a economia de mercado e a história do neoliberalismo. Já Courtine, Robin e Pêcheux constituíram as principais referências para articular o discurso de ascensão social ao paradigma neoliberal evidenciado nas temporadas analisadas.

OBJETIVOS

O principal objetivo da pesquisa foi analisar o discurso de ascensão social como um discurso que participa da ordem neoliberal. Ao interpretar esse discurso, adicionamos mais uma contribuição aos estudos discursivos com vistas a responder à questão elaborada por Foucault: “Quem somos nós hoje?” Desse objetivo mais geral, deriva a análise do plano geral da série, da composição do cenário, figurino, personagens e sonoplastia e o quadro mítico indutivo. A partir da descrição dos signos e da construção neoliberal ativada nos trechos destacados – como nos três primeiros episódios –, avança-se para a análise da lógica do discurso de ascensão social. Por fim, de forma mais técnica, apresentam-se os signos mapeados nas redes de formulações responsáveis por instaurar um padrão sintático nos acordos extracontratuais.

METODOLOGIA

O trabalho delimita-se da primeira à sétima temporada de *Suits* e observa os signos do discurso de ascensão social “empresariando” o personagem, não como análise narrativa, mas como leitura dos signos que representam o dândi, o refinado, o mais sagaz. A metodologia combina abordagem qualitativa com enfoque bibliográfico e estudo da construção do paradigma neoliberal e quantitativa, baseada na recorrência dos signos rastreados com o software *AntConc*. A análise utilizou tabelas para organizar a construção dos episódios e as recorrências de sintagmas fixos na rede de formulações, que funcionam como espelho de sagacidade e repertório cultural, permitindo uma divisão visual e elucidativa dos aspectos de ascensão social presentes no *corpus*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo revela como *Suits* expõe a construção de um ideário mítico situado na fusão quase homogênea entre indivíduo e empresa. A ideologia neoliberal instrui os personagens em uma conjuntura que estabelece que o “nome na parede”, o conhecimento das mesmas obras cinematográficas, o compartilhamento de expressões, a frequência a espetáculos de balé e a *finesse* de jantar nos restaurantes mais caros determinam com

quem se relacionam, como se apresentam e onde traçam a linha tênue entre ética e precificação da vitória. A recorrência dos signos rastreados demonstra que não há acaso na repetição: cada emergência das expressões valida a conjuntura neoliberal. Os personagens brigam, sofrem, se reconciliam e enfrentam dilemas morais que ressurgem ao longo de toda a análise. A própria construção das cenas evidencia a mitificação do pertencimento à esfera dos empresários e como os signos são pré-admitidos sem necessidade de verificação, de modo que, para Barthes, “[...] transforma a história em natureza. (...) a causa que faz com que a fala mítica seja proferida é perfeitamente explícita, mas é imediatamente petrificada numa natureza” (Barthes, 2010, p. 221).

Quadro 1 (AntConc): Ocorrências de name on the wall

03x06 - The Other Time.txt	even know you did it until I saw your	name on the wall.	You got it up there fast.
04x11 - Enough Is Enough.txt	time. Maybe, but they don't come back with their	name on the wall.	Ah, I'm guessing he wasn't
04x12 - Respect.txt	to cover your ass. You got something. You got your	name on the wall.	Now I want the respect that
05x09 - Uninvited Guests.txt	He promised to do something Jessica never would. Put my	name on the wall.	What if she would? You're
05x11 - Blowback.txt	reproach when you used Mike's secret to get your	name on the wall.	Jessica, that-- Louis. You are out

Quadro 2: Quadro mítico indutivo

Episódio	Descrição	Personagens	Mitos	Cifras
1 – Pilot (T01E01) ⁵	Caso 1: Gerald Tate, dono de uma empresa que é cliente da <i>Pearson Hardman</i> , cobra de Jéssica Pearson uma solução não contratual para impedir que um membro do conselho siga como vice-presidente honorário. A demanda implicaria quebra de contrato. Harvey diz que não agirá de má-fé. Tate ameaça pagar outra firma. Harvey estende uma folha e alega que o pagamento já havia sido feito à <i>Pearson Hardman</i> . O documento, no entanto, é um aviso de simulação de incêndio (o blefe é uma das estratégias recorrentes de Harvey e homologa as posições de jogador, advogado e negociador).	Harvey como exímio jogador de <i>poker</i> (o melhor negociador). Mike é um “gênio do crime” (frauda o exame da ordem).	Marcas: <i>BlackBerry</i> (<i>smartphone</i> , <i>Lincoln Town</i> (carro), <i>D & B</i> (marca de ternos)). Filmes: O poderoso <i>chefão</i> (<i>The Godfather</i> , Francis Copolla, 1972), <i>Batman</i> (várias versões). Cenário ⁶ : Arranha-céus envidraçados de Nova Iorque, transições com imagens das ruas aglomeradas da cidade e a transparência da <i>Pearson Hardman</i> : as portas são de vidro. Cena: Ida de Mike à loja de ternos.	Caso 1: Gerald Tate paga milhões à <i>Pearson Hardman</i> . Após blefe de Harvey, assina o acordo, mas demite a firma após descobrir a mentira sobre o pagamento. Caso 2: Charles Hunt terá de admitir culpa, procurar tratamento psicológico, readmitir Nancy na empresa recebendo os atrasados, um aumento e mais 250 mil dólares para custeio das despesas escolares de seu filho.

⁵ Abreviação das palavras temporada e episódio, respectivamente.

⁶ Os aspectos míticos do cenário repetem-se em todos os episódios, portanto, não os repetiremos.

	Caso 2: O CEO da empresa <i>Devlin Mcgreggor</i> , Charles Hunt, é acusado de assediar sua secretária, Nancy. Ela se torna cliente da <i>Pearson Hardman</i> em um caso <i>pro bono</i> (repassado por Harvey a Mike).			
--	---	--	--	--

Quadro 3 (<i>AntConc</i>): ocorrências de <i>give a word</i> .			
06x14 - Admission of Guilt.txt	I need your	word	that if things start to go south,
07x05 - Brooklyn Housing.txt	I want your	word,	because I will drop it right now.
03x08 - Endgame.txt	I need your	word.	Go ahead. Off the record.
04x02 - Breakfast, Lunch and Dinner.txt	Look, I gave my	word	to Walter Gillis.
04x13 - Fork in the Road.txt	I gave my	word	to Avery McKernon.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os signos de ascensão social se atrelam à eloquência verborrágica da grife, das altas cifras e dos acordos de cavalheiros na ordem neoliberal. Nesse cenário, toda relação, inclusive do sujeito consigo mesmo, é validada pelo signo da empresa. Há uma sustentação sintática (Courtine, 2009) que promove diálogos pautados pelo imperativo de validar competências que ultrapassam os aspectos formais. De nada serve um diploma sem a estética de alta classe para participar do jogo: camuflar-se, comunicar-se e absorver os contratos implícitos *à la pacta sunt servanda*⁷. Os personagens se movem em um ciclo rotativo de poder, onde família e meio profissional se entrelaçam: o advogado sênior figura como irmão mais velho, a secretária como irmã mais velha que parece ter respostas para todos os problemas. Essa estrutura é tomada pela lógica desafiante do neoliberalismo. Compartilham afetos, mas oportunidades são oportunidades – e apenas o mais fraco deixará de dançar o *Greenback Boogie*⁸:

– Estou correndo atrás de um homem que quero destruir. Ele já morreu há muitos séculos, mas, enquanto não conseguirmos apagar os últimos vestígios dele nas mentes dos homens, não teremos um mundo digno para viver. – Quem é esse homem? – Robin Hood. Rearden lhe dirigiu um olhar vazio, de quem não entendeu. – Ele era o homem que roubava dos ricos e dava aos pobres. Bem, eu sou o homem que rouba dos pobres e dá aos ricos, ou, mais exatamente, que rouba dos pobres ladrões e devolve aos ricos produtivos (Rand, 2017, p. 602-603).

⁷ Conceito do direito civil correspondente a definição que o contrato faz lei entre as partes, mesmo sem um instrumento escrito. Sendo assim, a palavra empenhada é valorizada entre os iguais.

⁸ Música tema na abertura da série *Suits*. Traduzida como “Dança das verdinhas”. Abertura na íntegra: https://www.youtube.com/watch?v=wIJ50Yn98qc&list=RDwIJ50Yn98qc&start_radio=1

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução brasileira de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- COELHO, Fábio Ulhoa. **Curso de direito comercial, volume 1: direito de empresa**. 16ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução brasileira de Cristina de C. Velho Birck et al. São Carlos: EdUFscar, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica** (Curso dado no Collège de France 1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Tradução de Ligia Filgueiras. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.
- GOMES, Orlando. **Princípios Fundamentais do Regime Contratual**. In: Contratos. Rio de Janeiro: Editora Forense Ltda, 2022.
- HAYEK, Friedrich A. von. **O caminho da servidão**. Tradução de Anna Maria Capovilla. 2ª ed. São Paulo: LVM, 2022.
- MISES, Ludwig von. **A ação humana: um tratado de economia**. Tradução de Ana Parreira. 2ª ed. Campinas/SP: Vide Editorial, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução brasileira de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2014.
- RAND, Ayn. A revolta de Atlas. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Arqueiro, 2017.
- ROBIN, Régine. **História e Linguística**. Tradução de Adélia Bolle; Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chellini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.